

A construção discursiva do argumento da “civilização nos trópicos” na narrativa de guerra *A Retirada da Laguna*

Maristela da Silva Ferreira ^a

Resumo: Este estudo examina a narrativa de guerra *A Retirada da Laguna*, de Alfredo d’Escragno Taunay, (o Visconde de Taunay), episódio que ocorreu no contexto da Guerra do Paraguai (1864 – 1870). O livro relata as experiências e os terríveis sofrimentos por que passaram os integrantes daquela coluna expedicionária, dentre eles o autor do livro, que integrava a Comissão de Engenheiros, e que, com seus companheiros de guerra, experimentou “*39 léguas ao todo percorridas em 35 dias de dolorosa recordação*”, de 8 de maio a 11 de junho de 1867. A leitura da obra deixa flagrante a presença de uma polarização dos conceitos referenciais de civilização e barbárie, e oferece-nos a temática principal selecionada para esta pesquisa, o entendimento da obra como um instrumento para o enaltecimento do império brasileiro, e como tentativa de inserção da nação no rol dos povos considerados civilizados no mundo ocidental. Nesses termos, o estudo se desenvolve com o objetivo de entender e explicitar o que era o conceito de civilização para o autor, considerando seus valores pessoais e seu contexto de época; e, por meio de uma abordagem da linguagem afinada com os *estudos de discurso*, identificar os saberes linguísticos e de conhecimento de mundo mobilizados pelo autor para favorecer, no plano textual da obra, a perspectiva civilizatória e humanitária da guerra travada.

Palavras-chave: *A Retirada da Laguna*. Visconde de Taunay. Império. Civilização. Barbárie.

INTRODUÇÃO

A leitura da narrativa de guerra

A Retirada da Laguna (Taunay 1871 e seguintes) deixa entrever, que, para além das ofensivas béli-

^a Tenente-coronel do Quadro Complementar de Oficiais. Associada titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



cas, e das questões diplomáticas, havia, no projeto político do Império, outra argumentação possível a que a guerra serviria e pela qual poderia ser justificada.

Este estudo retorna ao clássico texto de Taunay, *A Retirada da Laguna*, para investigar, em sua tessitura, como essa narrativa de guerra pode ser compreendida, também, como um instrumento para o enaltecimento do império brasileiro e como tentativa de inserção da Nação no rol dos povos considerados civilizados no mundo ocidental. Nesse contexto, nossa principal indagação pode ser assim representada: Como a guerra, que configura a antítese da civilidade, pode servir a um projeto nacional de elevação do Estado ao patamar dos povos do mundo civilizado ocidental? A motivação para a realização deste trabalho se deu também a partir da leitura do artigo de Albuquerque e Loureiro (2018), “Não havia um coração que não fosse presa dos mais desconhecidos sentimentos: A Passagem de Humaitá, projetos de nação e representações da guerra”, cujo diálogo intertextual com a

obra de Renato Restier, *Antítese da civilidade: Poder Naval, pensamento político e guerra no Segundo Reinado (1850-1876)* muito contribui para a construção das respostas parciais que aqui apresentamos.

O presente trabalho se organiza, em linhas gerais, como propósito de: (i) conhecer melhor a história da produção e repercussão do livro, (ii) identificar, com mais profundidade, a concepção do autor sobre o “mundo civilizado”, entendendo que ele, situacional e historicamente, dá voz a uma elite, tanto no meio militar quanto na corte imperial, aderindo incondicionalmente aos ideais monarquistas, e (iii) por fim, reconhecer na narrativa da *Retirada* os itens textuais que confirmam e explicitam a tese proposta nesta pesquisa: a contribuição dessa narrativa de guerra para o fortalecimento do argumento civilizatório e para a inserção do Estado Nação brasileiro no rol das nações do mundo civilizado.

Nessa perspectiva, informamos que o percurso metodológico adotado para tratar o texto de Taunay dentro da ótica da ciência da



linguagem, principal formação desta pesquisadora, buscará uma simplificação dos estudos do discurso¹, afinal, mais do que o exame dos elementos linguísticos, este estudo privilegia a dimensão histórica representada na obra literária *A Retirada Laguna*.

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, RECEPÇÃO E REPERCUSSÃO DA OBRA *A RETIRADA DA LAGUNA*: BREVES APONTAMENTOS

O historiador Sérgio Medeiros, em primorosa introdução à edição de 1997, informa-nos que as anotações feitas por Alfredo d’E. Taunay (1843 – 1889), membro da comissão de engenheiros, em um diário de campanha, durante o decorrer da dolorosa expedição ao Mato Grosso, foram reescritas em forma de romance por insistência, do pai do jovem tenente recém chegado “dos fundos dos sertões” da província do Mato Grosso.

A 1ª edição, em língua francesa, se deu em 1871, havendo ainda mais duas edições nesse idioma,

em 1879 e 1891. A primeira tradução para a língua portuguesa se deu em 1874. Considera-se, assim, que a gênese de *A Retirada da Laguna* está localizada durante o desenrolar do episódio (1867), onde seu autor é, também, testemunha das experiências narradas. Acreditamos que o livro, escrito durante e após a guerra, tenha sido a semente que fertilizou tantas outras obras a respeito da guerra, produção bastante alentada em nosso país.

A Guerra do Paraguai foi tema de produções literárias desde o seu início, hoje, passados 150 anos do primeiro tiro, o volume de publicações continua com fôlego alentado. Há poesia, drama, narrativa, conto, ensaio, memórias. A lista completa é grande, mas como ilustração, começamos com os poemas de Castro Alves nos recitativos para angariar fundos para os Voluntários da Pátria: “Pesadelo de Humaitá” e “Quem dá aos pobres empresta a Deus”; passamos por Iaiá Garcia, de Machado de Assis; por Dyonélio Machado e os contos de Um pobre homem; e, o mais recente O rastro do jaguar, de Murilo Carvalho. Quase todos os gêne-



ros, com amplo destaque para o romance, contribuem para a formação deste amplo painel sobre o conflito e seu impacto no imaginário coletivo das nações envolvidas. A produção literária é tão farta e constante que se poderia afirmar que existe um ciclo temático literário sobre a Guerra do Paraguai, ciclo este que ocupa os vácuos que a historiografia não consegue ou não pode cobrir.²

A obra foi recebida com reservas pela crítica literária de sua época, especialmente por duas razões: (i) o iminente apagamento da cena nacional experimentado por seu autor após a queda da monarquia, da qual era aliado fiel; e (ii) o fato de a obra ter sido escrita em idioma estrangeiro (francês). Em favor da decisão de Taunay pela redação em língua estrangeira, Rolph³ lembra-nos que a intenção que possivelmente levou Taunay a escolher ter sua primeira edição em língua francesa insere-se em um projeto maior de nação que o escritor nutria para o Império, algo que o alcançasse e o fizesse ocupar os assuntos e espaços intelectuais da

civilização europeia, particularmente na França, de onde bebíamos todas as influências:

Taunay não só pretenderia exibir para o mundo a nossa versão dos fatos, como também exaltar a nossa gente e país, eternizando os nossos feitos assim como Heródoto, Tucídides e Xenofonte fizeram com os de seus conterrâneos.⁴

A esse respeito, vale lembrar comunicação proferida por Eugenio Asensio⁵, na qual constata que a tão propagada máxima *semper La lingua fue compañera del Imperio* encontrada no prólogo da *Gramática Castellana*, 1492, de Antonio Nebrija, derivava de uma citação praticamente idêntica encontrada no prefácio do primeiro dos seis livros que compõem a obra “*Elegantiae Linguae Latinae*” (Elegâncias da Língua Latina) (1471) do humanista italiano Lorenzo Valla, e também já havia sido resumida em frase muito parecida pelo jurista aragonês Gonzalo Garcia de Santa Maria, em sua tradução para



o espanhol da obra “*Vitas Patrum*” (1486).

A mesma ideia, da importância da língua latina para a consolidação do império, ressoou também nas obras quinhentistas dos gramáticos portugueses Fernão de Oliveira e João de Barros, cientes do poderio do império português conquistado com as navegações e as grandes descobertas, e da necessidade de se levar ao novo mundo a língua de Portugal, vértice fundamental de difusão deste império, bem como de sua religião.

Utilizando-se da *língua companheira do Império* à época, dessa vez Taunay orquestrava levar ao mundo as grandes façanhas de um império que se formava no cone sul do novo continente, privilegiando a língua de prestígio e grande circulação na Europa.

O fato é que, ainda que sua recepção inicial tenha sido acanhada (em razão, ou não, das circunstâncias políticas e linguísticas acima apresentadas) e que até hoje persista o debate sobre seu valor documental, a obra não cessou de circular, informar e alcançar leitores de

todas as épocas e de todas as idades.

Os 21 capítulos da consagrada narrativa de Taunay sobre o penoso episódio da Retirada são repletos de fatos que não constam da história oficial. Ainda assim, muitos monumentos criados para a memória da guerra foram frutos de investigações rigorosas feitas em documentos e, também, a partir do testemunho e da colaboração de descendentes dos *soldados* que, no triste episódio, tanto sofreram.

O ESCRITOR E SEU TEMPO

As *Memórias*⁶ de Taunay, escritas entre 1890 e 1899, um pouco antes de sua morte, são um importante instrumento para conhecermos melhor o jovem autor da *Retirada*. Muito de sua infância, de sua relação com a família e ainda da relação próxima que mantinha com a família imperial constam do texto das *Memórias*.

Cresceu cercado de valores que o identificavam com o Império. Recebeu uma rígida educação e foi, desde criança, orientado pela



família, sobretudo pelo pai, para uma vida pública. Com quinze anos, em 1858, finalizou seu bacharelado em Letras no tradicional Colégio Pedro II. Sobre esse acontecimento de sua vida, registrou em suas *Memórias* lembranças orgulhosas, deixando ver que, das suas muitas habilidades e realizações, possivelmente a de um homem das letras tenha sido a que mais lhe trouxe alegrias e aquela com a qual mais se identificava:

Constitui o recebimento daquele prêmio [pelo brilhantismo nos exames finais] e a cerimônia do grau de bacharel em belas-lettras a 24 de dezembro de 1858 data importantíssima da minha vida de adolescente. Difícil me é, até em toda a carreira, encontrar outra mais cheia de intensa alegria e legítimo orgulho. Bacharel em belas-lettras aos 15 anos! Creio que os anais do Pedro II não encerram muitos destes casos!⁷

A passagem abaixo, também de suas *Memórias*, finalizando a narrativa daquele dia solene, nos traz relato emocionado sobre o recebimento do prêmio das mãos

do Imperador e de sua Imperatriz, revelando o grau de proximidade e os laços quase familiares que ligavam Taunay e sua família à família imperial.

Ao chegar de frente do Imperador e da Imperatriz deles recebi olhar tão bom, tão suave, tão enternecedor, tão de família a partilhar a alegria de um filho, que nesse dia medi a verdadeira afeição que ambos dedicavam ao bom, leal e discreto amigo Félix Emílio Taunay.

- Por mais longe – disse-me uma vez o Imperador – que eu olhe no passado, sempre encontro seu pai a meu lado, solícito e nunca importuno!

E a boa, a santa Imperatriz, quanto era meiga conosco!

Em 1853, quando estivemos habitando por alguns meses o Andaraí [...] e íamos – eu e minha irmã Adelaide – brincar com as princesas D. Isabel e D. Leopoldina, então com toda a família imperial no velho casarão do Figueiredo (depois Hotel Aurora), quanto nos mimava aquela ilustre Senhora! Foi ela quem me deu a coleção do *Conseillerdes enfants*, que incessantemente li e reli, até bem grande, e um belo volume das *Fábulas de Florian*, ainda hoje



um dos livros queridos das minhas estantes⁸.

O modelo europeu de mundo civilizado, de onde emanavam todos os costumes, valores, ideias e referências, está descrito, também, em texto escrito por representantes da elite da época para a “nobilíssima manifestação de despedida ao então Major Alfredo d’Escragnonle Taunay⁹” do serviço ao Exército Nacional. Tratava-se da “França legendaria, cérebro e coração da raça latina, este admirável país aonde os povos vão em romaria pedir o santo e a senha de todos os progressos”¹⁰.

Taunay foi educado nesse ambiente refinado, amante das artes, da música, do idioma francês e de todo tipo de elevação do sentimento e dos ideais de nação que dessa cultura e do ambiente romântico provinham. Toda a elite do imperial *bebia*, em maior ou menor medida, dessa fonte; sabemos que a família de nosso escritor não só dela *bebia* abundantemente, como a ela alimentava com sua intelectualidade e cultura artística.

A seção abaixo tem por base trabalhos acadêmicos de referência, como o artigo “*Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional*”¹¹, e destina-se a trazer à luz o conceito de civilização vigente à época que, em nossa hipótese de pesquisa, dirige, *pedagogicamente*, uma significativa função comunicativa do roteiro da obra em tela.

O PROJETO CIVILIZATÓRIO DO IMPÉRIO NOS ANOS DE FORMAÇÃO DO JOVEM TAUNAY

A criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), inspirado no *Institut Historique*, fundado em Paris em 1834, é muito representativa do projeto que o governo brasileiro colocava em desenvolvimento no II Reinado. Sua criação insere-se num movimento historiográfico de definição da nação brasileira como representante da ideia de civilização no Novo Mundo¹². Nesse movimento buscava-se traçar a gênese da naci-



onalidade brasileira, ao mesmo tempo em que se ocupava de identificar, também, quem era *o outro*, *o não civilizado*, tanto dentro de nossas fronteiras quanto fora delas. Internamente, o conceito de civilizado era eminentemente restrito aos brancos, enquanto externamente,

define-se o *outro* desta Nação a partir do critério político das diferenças quanto às formas de organização do Estado. Assim, os grandes inimigos externos do Brasil serão **as repúblicas latino-americanas, corporificando a forma republicana de governo, ao mesmo tempo, a representação da barbárie**¹³.

O projeto historiográfico e civilizatório a cargo do IHGB estava no centro da política imperial, o Estado subsidiava 75% dos gastos da instituição, e a presença do Imperador nas reuniões era assídua, conforme Schwarcz nos informa:

[...] Ao contrário, d. Pedro interessou-se pessoalmente pelo IGHB, tendo presidido um total de 506 reuniões – de dezembro de 1849 a 7 de novembro de

1889 –, só se ausentando em caso de viagem. Tal fato torna-se ainda mais relevante se comparado à pouca participação do monarca na Câmara: lá só aparecia no começo e no final do ano, para abrir e fechar os trabalhos¹⁴.

Suas ações no Instituto, voltadas às artes e ao *movimento romântico* da época, estavam, também, diretamente relacionadas à pauta civilizatória cujo carro-chefe era a formação de uma cultura genuinamente nacional. O monarca chegou a propor aos seus integrantes, em 1849, o seguinte debate: “O estudo e a imitação dos poetas românticos promovem ou impedem o desenvolvimento da poesia nacional?”¹⁵.

Nesse ambiente de projeção e busca de constituição de uma nacionalidade, de noções de pertencimento e de fortalecimento do Estado Imperial, a Guerra do Paraguai foi uma interessante oportunidade tanto para o governo, de forma oficial, como para diversos escritores exibirem os sentimentos nacionalistas que começavam a se consolidar naquele momento. Especi-



almente para Taunay, nascido na França, talvez essa tenha sido uma oportunidade única.

Desde o primeiro decênio de existência do Instituto havia ficado claramente expressa a intenção do Imperador de que os intelectuais se encarregassem de contar a história da nação brasileira, não apenas a pretérita, mas que fosse colocada à disposição do Velho Mundo também a história do governo de Sua Majestade, o Imperador, palco de atuação de um “Estado iluminado, esclarecido e civilizador”.

Em seu discurso de inauguração da nova casa do Instituto (o Paço Imperial), em 15 de dezembro de 1849, assim se pronuncia o monarca:

Sem dúvida, Senhores, que a vossa publicação trimestral tem prestado valiosos serviços, mostrando ao velho mundo o apreço, que também no novo merecem as aplicações da inteligência; mas para que esse alvo se atinja perfeitamente, é de mister que não só reunais os trabalhos das gerações passadas, ao que vos tendes dedicado quase que unicamente, como

também, pelos vossos próprios, torneis aquela a que pertence digna realmente dos elogios da posteridade: não dividi pois as vossas forças, o amor da ciência é exclusivo, e concorrendo todos unidos para tão nobre, útil, e já difícil empresa, erijamos assim um padrão de glória à civilização da nossa pátria.¹⁶

Essas ações de engrandecimento da cultura nacional promovidas no II Reinado, período conhecido como o auge do Império, estavam assentadas, economicamente, sobre uma sociedade que experimentava os progressos¹⁷ e a modernização decorrentes da boa condição econômica resultante do cultivo do café. A lavoura cafeeira garantia ao império brasileiro posição de liderança nas exportações do produto e permitia maior integração com o mercado mundial.

Em contrapartida, para mantermos a boa condição econômica e o progresso favorecido pelo plantio e exportação do café, continuava a necessidade de manter os grandes latifúndios dependentes da mão de obra escrava, o que, entretanto, se mostrava como uma realidade pa-



radoxal para as aspirações de modelo de nação-civilização, e com pretensões civilizadoras em relação aos seus vizinhos latino-americanos, que, inclusive, já haviam quase todos suprimido o tráfico e a escravidão no decorrer de suas guerras de independência (1810 – 1825), as exceções foram as colônias holandesas em 1863 e os Estados Unidos em 1865.

O Brasil, na lanterna das nações americanas no que diz respeito à abolição da escravatura, apenas sob grande pressão abolicionista o faria em 1888, já no fim do século.

A historiografia confirma que a Guerra do Paraguai foi evento decisivo não apenas na formação de um Exército e na consolidação dos projetos e ideias nacionais, mas também foi vetor determinante na vida econômica e política do Império e da República que se anunciava.

O ROMANTISMO E O CONCEITO DE NAÇÃO CIVILIZADA

O pensamento romântico surgido na Europa por volta do século XIX informava consideravelmente o conceito de civilização oitocentista. Suas raízes remetem às reações ao Iluminismo, que levaram a um movimento de retorno à natureza, pensamento recheado de sentimentalismo e eivado de críticas ao pensamento racional científico.

O romantismo, nascido no Velho Mundo, chegou aos países periféricos juntamente com os ares de cientificismo espalhados nos quatro cantos do planeta com as viagens de exploração e catalogação do mundo. Chegando ao Brasil, a escola romântica, herdeira de inspirações kantianas, fez adaptações no que diz respeito à história brasileira, fortalecendo o espírito nacional após a independência. A respeito das inspirações kantianas originárias, Albuquerque & Loureiro esclarecem:



O movimento romântico realizou forte apreensão das ideias de Kant, especialmente quando trata do juízo estético do homem. Basilar para toda a estética romântica, os conceitos de belo e de sublime kantianos aportaram formas consistentes que melhor elucidam as pretensões artísticas do movimento.¹⁸

Segundo estudos de Ricupero, contudo, maior foi, na verdade, a influência do romantismo francês:

[...] o Romantismo francês será principalmente uma resposta ao novo mundo que surge com a Revolução. Revolução que não se limita, na verdade, às fronteiras da França e até onde chegaram os exércitos napoleônicos, mas que é (...) uma revolução Atlântica, iniciada em 1776 na América e continuada pelas independências nacionais latino-americanas [...].¹⁹

Machado de Assis, em sua crítica à literatura (1858)²⁰, texto que inicia com a frase “A literatura e a política, estas duas fases bem distintas da sociedade civilizada [...]”, já nos alertava quanto à forte ade-

ção a um modelo europeu na forma de se fazer política e principalmente nas artes, dizendo, “daqui uma grande perda: a literatura se escravizava, em vez de criar um estilo seu, de modo a poder mais tarde influir no equilíbrio literário da América.”. E, reclamando a existência de um teatro nacional, e não apenas de encenação de dramas traduzidos da literatura francesa, assim exortava:

Passando ao drama, ao teatro, é palpável que a esse respeito somos o povo mais parvo e pobre entre as nações cultas. Dizer que temos teatro, é negar um fato; dizer que não o temos, é publicar uma vergonha. E todavia assim é. Não somos severos: os fatos falam bem alto. O nosso teatro é um mito, uma quimera. E nem se diga que queremos que em tão verdes anos nos ergamos à altura da **França, a capital da civilização moderna**; não! Basta que nos modelemos por aquela renascente que floresce em Portugal, inda ontem estremecendo ao impulso das erupções revolucionárias.

Para que estas traduções enervando a nossa cena dramática?



Para que esta inundação de peças francesas, sem o mérito da localidade e cheias de equívocos, sensaborões às vezes, e galicismos, a fazer recuar o mais denodado *francelho*?²¹

No Brasil de então, adepto do modelo civilizatório francês, o movimento romântico empenhava-se a dar a “cor local” à nossa arte, e o romantismo passava a ser peça fundamental para as elites interessadas na formação da identidade nacional e territorial. Os artistas românticos brasileiros estavam empenhados na tarefa de contribuir para estabelecer a identidade nacional através de sua arte, fortalecendo o projeto progressista e civilizatório do Imperador e oferecendo referências simbólicas para a sociedade.

O Brasil enfrentava grandes dificuldades para se firmar no seu próprio continente (isolado em seu modelo monárquico, cercado que estava de repúblicas) e também no plano das monarquias modernas europeias. Longínqua e tropical, a nação tentava se impor através da divulgação dos ícones da nação. As

pinturas brasileiras do século XIX, por exemplo, estavam imbuídas do espírito romântico, nelas os autores buscavam a valorização das emoções, da formação histórica da nação, repletas de inspiração na natureza e nas questões sociais e políticas do país²².

Como demonstra Lucília Garcez, em *Explicando a arte brasileira*,

[...] o equilíbrio e a simplicidade deixam de ser os objetivos do artista. Ele quer demonstrar outros interesses, quer buscar as raízes da nacionalidade, quer enaltecer a natureza tropical, quer voltar ao passado histórico, quer abandonar os mitos gregos e aprofundar sua própria religiosidade, quer viver o amor intensamente.²³

Nesse contexto, uma nação distante do centro Europeu, tropical, mestiça e ainda escravocrata, precisava de instrumentos que levassem ao Velho Mundo mostras de que aqui se firmava uma monarquia soberana, civilizada e iluminada por sua origem Bragança, Bourbon e Habsburgo.



Consumidora, apreciadora e reprodutora do modelo romântico importado e adaptado do europeu, esta nação lembrava seu passado de forma enaltecida, a partir de uma natureza grandiosa e de índios em cenários românticos. Aqui vivia, acima de tudo, uma elite intelectual civilizada, emancipada pelos mais elevados sentimentos humanitários, pela cultura e pela arte, e significativamente diferenciada de seus vizinhos no trópico sul. Nos termos de Schwarcz, a imagem dos trópicos a partir do Estado monárquico brasileiro “surgia como cenário romantizado, por contraposição ao cenário “degradado” e escondido das raças e da mestiçagem.”²⁴.

REVERBERAÇÕES DO DISCURSO CIVILIZATÓRIO EM A *RETIRADA DA LAGUNA*

a. A Dedicatória ao Imperador: moldura comunicativa para toda a obra

Nos termos dos estudos de discurso, nosso objetivo, nesta seção, é identificar os aspectos

individuais, sociais e culturais presentes na constituição do sujeito do discurso, o Visconde de Taunay, para compreendermos qual *assento* ele ocupa, de que “lugar” ele “fala” ao transformar suas anotações diárias do conflito vivido na narrativa de guerra *A Retirada da Laguna*.

Adotamos a categoria *lugar de fala* ou *lugar social*, seguindo reflexões e provocações de Foucault, na obra *A Arqueologia do Saber* (1972):

Quem fala? Quem, no conjunto de todos os indivíduos-que-falam, está autorizado a ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos e de quem, em troca, recebe, senão sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o estatuto dos indivíduos que têm - e apenas eles - o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?. (p.56)

Ou, parafraseando em linguagem mais simples, interpretamos que lugar de fala é:



[...] o lugar que o *locutor* ocupa numa cena, a partir do qual estabelece um contrato implícito de troca simbólica de enunciados com os destinatários, conferindo-lhe a condição de falante autorizado a falar daquilo que fala e do modo que fala. É a posição conquistada - por direito juridicamente regulamentado ou espontaneamente aceito - de proferir determinado discurso.²⁵ (grifo nosso). Nosso “locutor” é o escritor, testemunha e narrador dos fatos; “De que lugar ele fala”, com que autoridade e para quem se dirige, são respostas que encontramos em muitas partes do texto, mas especialmente em sua abertura. (p. 4)

As regras que governam os padrões de interação verbal em que a passagem do texto abaixo foi produzida, são as regras sociais, pragmáticas, que definem hierarquicamente o padrão relacional entre os papéis dos sujeitos *interactantes* e as adequações e escolhas linguísticas feitas para representar a assimetria hierárquica desses papéis sociais.

A Sua Majestade o Senhor
Dom Pedro II,
Imperador do Brasil

Senhor,

Ao se render Uruguaiana, inaugurou Vossa Majestade, na América do Sul, a guerra humanitária, a que os prisioneiros poupa e salva, trata feridos inimigos com os desvelos dispensados aos compatriotas, a que, considerando a efusão de sangue humano deplorável continência, aos povos apenas impõe os sacrifícios indispensáveis ao sólido estabelecimento da paz.

É principalmente sobre este ponto de vista que ousou achar-me autorizado a colocar sob o augusto patrocínio imperial a desativada narrativa da *Retirada da Laguna*, obra da constância e da disciplina, em que os oficiais de Vossa Majestade, devendo defender, por entre obstáculos os mais diversos, as bandeiras e os canhões a eles confiados, jamais cessaram, quanto lhes foi possível, de conter o legítimo desforço de bizarros soldados, exasperados pelo furor do inimigo, e obstar à crueldade tradicional de auxiliares índios, vingativos como soem ser.

É este reflexo de um grande ato de iniciativa soberana, a mais bela recordação que jamais po-



deremos entre camaradas invocar. Cabe-me a honra de a Vossa Majestade dedicá-la.

De Vossa Majestade Imperial
súdito e servidor, muito humilde e obediente,
Alfredo d'Escragnolle Taunay

O *assento* tomado por Taunay ao *retextualizar* as anotações de seu diário em forma de romance, é aquele que tem diante e acima de si *Sua Majestade*, o Imperador, o interlocutor privilegiado em toda a cena comunicativa, a quem a obra é dedicada.

Assume uma formação e uma posição discursivas, na qual vigora um contrato implícito, em que predomina a assimetria de papéis sociais, o *súdito e rei*, e sobre a qual Taunay, controlando linguisticamente essa assimetria hierárquica afirma: “ousar achar-me autorizado a colocar sob o augusto patrocínio imperial a desativada narrativa da *Retirada da Laguna*, obra da constância e da disciplina, [...]” a escolha lexical pelo verbo ousar, é responsável pela modalização da autoridade que atribui a si mesmo nessa

oferenda diante do rei. Por outro lado, a escolha dos substantivos *constância* e *disciplina* atuam como marcas discursivas da *civilidade* que se deseja demonstrar durante todo o percurso da guerra.

Esta passagem emoldura toda a obra, dirige o olhar do leitor para a perspectiva sob a qual se deve perceber a guerra narrada: a guerra humanitária, contra inimigos furiosos e vingativos, aquela “que os prisioneiros poupa e salva, trata feridos inimigos com os desvelos dispensados aos compatriotas, a que, [...], aos povos apenas impõe os sacrifícios indispensáveis ao sólido estabelecimento da paz”.

b. A construção discursiva do sentimento de nacionalidade e da civilização que se levanta nos trópicos em guerra: termos e expressões de designação

Cumprindo o compromisso assumido com o Imperador de narrar a guerra humanitária contra *furiosos e vingativos inimigos* e também o compromisso de homem público, letrado, intelectual e romântico de seu tempo, Taunay,



“um genuíno brasileiro de índole e sentimento”, “não obstante a sua dupla origem estrangeira”²⁶, coloca à serviço de um grandioso projeto para o Brasil, o seu virtuosismo descritivo, seu talento artístico nas letras e nas artes plásticas, e de forma comovida “pinta” em *A Retirada da Laguna*, homens, espaços e paisagens por onde passaram, dando-lhes uma feição e integrando-os à nação que se ergue e se mostra em toda originalidade e esplendor a seu povo e ao Velho Mundo.

Sobre essa capacidade descritiva, o próprio Taunay escreve em suas *Memórias*:

Com a educação artística que recebera de meu pai, acostumado desde pequeno a vê-lo extasiar-se diante dos esplendores da natureza brasileira, era eu o único dos companheiros, e, portanto, de toda a força expediçãoária, que ia olhando para os encantos dos grandes quadros naturais e lhes dando o devido apreço.²⁷

Parece-nos que essa passagem reforça o fato de que era preciso,

ainda, um europeu, preferencialmente um francês, um homem civilizado, para perceber e avaliar a beleza do cenário que os cercava...

Aplicamos ao texto filtros para capturar as sequências narrativas, descritivas e dialogais que organizam e compõem a imagem dos *homens* (brasileiros, paraguaios, amigos, inimigos, irmãos, civilizados, bárbaros) das *paisagens* e dos *sentimentos* que despertam. Assim, reunimos um *corpus*, cujas passagens mais representativas seguem abaixo reproduzidas.

Começando pelas descrições dos homens, dos grupos beligerantes, temos:

Fala-vos a expedição brasileira como a **amigos**. Não é seu intuito levar a devastação, a miséria e as lágrimas ao vosso território. A invasão do Norte como a do Sul de vossa República significa apenas uma reação contra injusta agressão nacional. Será conveniente que venha um de vossos oficiais entender-se conosco. Poderá retirar-se, desde que assim entenda; e bastará que manifeste



simplesmente tal desejo. Jura o comandante da expedição pela honra, pela santa religião professada por ambos os povos, que todas as garantias se oferecem ao **homem generoso** que em nós confiar. Disparamos tiros de peça como **inimigos**, queremos agora nos entender como **amigos** reconciliáveis. Apresentai-vos empunhando a bandeirola branca e sereis recebidos com todas as atenções que os povos **civilizados**, embora em guerra, mutuamente se devem".

Na passagem acima a lógica para identificação do *inimigo como o paraguaio* é subvertida pelo autor. Há um cruzamento, um jogo de palavras em que o objeto referencial para a designação de amigos, desloca-se dos brasileiros para os paraguaios. A função comunicativa que se deseja atingir é a da persuasão, do convencimento para a paz. Assim, os paraguaios são, então, chamados de amigos. Nesse caso, de início, cria-se para os sujeitos que interagem uma projecção de papéis a partir do enunciado de abertura: “Fala-vos a expedição brasileira como a amigos [...]”,

“Disparamos tiros de peça como **inimigos**, queremos agora nos entender como **amigos**”, e por fim é feito o apelo aos modos e condutas dos **povos civilizados**, que na ação proposta igualaria ambos os lados: os que propõem a paz e aqueles que aceitam seus termos.

Com exceção da passagem acima, todas as demais menções ao campo semântico discursivo dos grupos que se opõem, polarizam, e definem-se em torno da ideia de brasileiros civilizados e seus oponentes paraguaios, bárbaros. A passagem abaixo, a dedicatória ao Imperador, será aqui retomada, para fins de identificação da polarização em discussão. Abaixo, em destaque, os valorosos oficiais de Sua Majestade, sofrendo os furores do inimigo e a crueldade de seus auxiliares índios.

[...] E principalmente sob este pontuo de vista que ouso achar-me autorizado a colocar sob o augusto patrocínio imperial a desataviada narrativa da Retirada da Laguna, obra de constância e da disciplina, em que os oficiais de Vossa Majestade, devendo defender, por entre



obstáculos os mais diversos, as bandeiras e os canhões a eles confiados, jamais cessaram, quanto lhes foi possível, de conter o legítimo desforço de bizarros soldados, exasperados pelo **furores do inimigo**, e obstar à **crueidade tradicional de auxiliares índios, vingativos** como soem ser. [...] (p. 4)

A descrição do índio e sertanista (extintos do Velho Mundo) revela, contudo, uma personalidade bastante adequada aos padrões românticos e civilizatórios pretendidos.

Parece apanágio dos povos civilizados o sentimento admirativo; pelo menos bem raro é nos **homens primitivos** a sua manifestação exterior. No entanto, as grandes linhas de um quadro majestoso da natureza conseguem, às vezes, vencer a feição material do selvagem, unindo ao autor da obra o rude espectador maravilhado. **O primeiro Guaicuru que** sobre esta região encantada deitou os olhos, não pôde conter a exclamação de surpresa; com a voz gutural e cavernosa pronunciou a palavra *Laiiad*, que para sempre a assinalou. (p. 8)

Por todas estas razões, nele encontrou o coronel Camisão apaixonado adepto. Desde que, dando-lhe a conhecer os seus projetos, acenou a José Francisco Lopes com o ensejo de, como guia da expedição, ir ter com a família e vingar-lhe os agravos, empolgou o espírito do **sertanista brasileiro**, que, apesar de todo o ardor, jamais perdeu, contudo, a **perfeita intuição das conveniências**. Assim, nunca esquecendo a modéstia da posição, freqüentemente dizia: "**Nada sei, sou sertanejo; os senhores que estudaram nos livros é que sabem**". (p. 12)

Os que por largo tempo participaram da **vida sertaneja** têm **amor-próprio** muito maior que os demais homens. (p. 48)

Taunay atribui ao índio a capacidade admirativa, o apanágio da civilização, por ser capaz de deslumbrar-se diante de um cenário da natureza, e sobre ela pronunciar, admirado, palavras que retratam o quadro de esplendor evocado; ao sertanejo o autor atribui, por natureza, sentimentos e modos típicos de uma sociedade refinada, civilizada: o *amor-próprio* aliado à *mo-*



déstia e à perfeita intuição das conveniências, das boas maneiras, especialmente a de saber o seu lugar social nos contextos aonde se relaciona com os seus diferentes e socialmente superiores, “os senhores que estudaram nos livros ...”.

Para a descrição dos sentimentos, das qualidades, das sensações, e dos espaços e belezas naturais, selecionamos, ainda, as passagens abaixo:

São **muibelos** os acidentes do terreno; os ribeirões e riachos, a correrem volumosos por toda a parte, ofereciam excelente água. Já não mais pousávamos os olhos sobre as tristonhas perspectivas dos pântanos. Pelo contrário, nos comprazíamos agora em contemplar verdejantes campinas, trechos que apresentavam os mais poéticos aspectos, à sombra de poderosos contrastes luminosos. Até Lauiad rumo a estrada, diretamente, para leste. A partir deste ponto toma a direção sul-sudeste. **O panorama** que então subitamente se desdobra **é realmente grandioso**. Aos pés do **espectador, vasta campina a que embelezam magníficos acidentes; além, as grandes orlas**

da mata que acompanham as sinuosidades das belas águas do Aquidauana; ao longe a extensa serra de Maracaju, com os píncaros escavados, refletindo os esplendores do Sol, e coroando toda esta massa prodigiosa, azulada pela distância. Foi este ponto, com razão, chamado pelos Guaicurus Campo Belo (Lauiad). (p. 8; 9)

Assim se encerrou este conselho sobre o qual se fixara a atenção de toda a oficialidade e cujo resultado; todos surpreendeu; a ninguém tanto, contudo, quanto ao comandante, por se ver arrastado pelo obstáculo que acreditara antever à sua pessoa e os riscos do primitivo projeto. **O sentimento do decoro pessoal**, nele poderoso desde o despertar, preservou-o, contudo, de outros testemunhos da impressão, além de alguns gestos, inopinados e involuntários. Esforçou-se desde então em bem realizar o que fatalmente se tornara impossível deixar de empreender. (p. 14)

Só algumas redes, ocupadas por oficiais, conservavam certo **decoro ‘lúgubre**: jamais esqueceremos o **belo rosto** resignado do tenente Guerra, moço exemplar, filho único de uma viúva



que nunca o tornaria a ver... (p. 55)

Quanta ideia lúgubre evoca um campo de batalha! Sobre-tudo nestas solidões imensas onde o próprio gênio do mal parecia ter penosamente convocado e reunido alguns milhares de homens para que mutuamente se exterminassem, como se terra lhes faltara para viverem em paz do fruto do seu labor. (p. 39)

Tudo, a cada momento, se entenebrecia em torno de nós. Nada mais digno **de inspirar a simpatia e a compaixão do que o aspecto do Coronel**, depois da ordem que dera, e se cumpria enquanto começávamos a marchar. Pesar, remorso? perturbação de espírito, na apreciação dos motivos que o haviam feito agir e parecia estar a debater intimamente, quando já as suas ordens estavam no domínio dos fatos consumados? Certo é que, pálido como um espectro, parava, para ouvir, como involuntariamente. (p. 59)

Estes **esplendores eternos da natureza ainda mais pungentes nos tornavam o sentimento de nossa próxima ruína**. Absorvia-nos esta contempla-

ção quando um esquadrão paraguaio chegou a galope com a intenção de cortar nalgum lugar a nossa linha indecisa e descontínua. (p. 61)

Com essas emblemáticas passagens, o autor coloca em circulação, por meio de escolhas léxico-gramaticais apropriadas, o discurso romântico de valorização da originalidade brasileira e de exaltação das raízes dessa nacionalidade. Enaltece a natureza tropical, suas imensidões, sua beleza esplendorosa, e revela as sensações e sentimentos apreciativos que arrebatam o espectador, na alegria e na dor.

Faz ver ainda a existência, nesse espaço exuberante, de um povo que, embora mestiço e longe dos centros europeus, cultivava sentimentos nobres, mesmo em meio a uma terrível e penosa guerra, contra um povo que parecia desconhecer, ainda, os sentimentos e as condutas de civilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de Taunay na comissão de engenheiros da Coluna



Expedicionária colocou à disposição da guerra todo um aparato cultural, intelectual e literário, que, como um manto estendido sobre aquele triste cenário da guerra, a recobriu com os ideais românticos, e as aspirações e projetos monárquicos da segunda metade dos oitocentos. Seu virtuosismo descritivo e seu talento literário permitiram, aos nossos vizinhos latinos e à velha Europa, a interpretação de que aqui, no cone sul, corporificava-se a ideia e o ideal de civilização no Novo Mundo.

O fato é que a articulação desses ideais e aspirações de elevado alcance cultural ao contexto da guerra parece mesmo uma contradição, um paradoxo, como apontamos em nossa pergunta de pesquisa. Como essas camadas do plano cultural, esses fortes laços com a família imperial, conseguem ser representados em um texto sobre a guerra, esse acontecimento vocacionado justamente para o oposto, os sentimentos menos nobres, as ações mais instintivas, os sofrimentos e o terrível drama das

privações e atrocidades típicas de uma guerra?

Entendemos que não bastaria a presença de um representante da elite letrada e um monarquista convicto, com habilidades literárias, naquele teatro de operações, para tornar essas camadas extralinguísticas evidentes na obra, foi necessário somar a essas características as qualidades de um *orquestrador de discursos pré-existent*s²⁸, alguém dotado do virtuosismo descritivo, da sensibilidade, e da adesão aos ideais da época, que julgamos presentes no autor de *A Retirada da Laguna* e de tantas outras obras dessa natureza por ele escritas. Aquele mesmo jovem cuja presença, alguns anos depois, teria sido assim reclamada por Caxias: “Nessa Guerra, faltou-me um Taunay para contar o que fiz”²⁹.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Fernanda Deminici de; LOUREIRO, Marcello José Gomes. “Não havia um coração que não fosse presa dos mais



desencontrados sentimentos”: A Passagem de Humaitá, projetos de nação e representações da guerra. *Navigator*, v. 14, n. 27. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, 2018. p. 58 – 72.

ALMEIDA, Jorge. *Lugar de fala, polissemia e paráfrase nos discursos de FHC e Lula sobre o plano Real*. * Trabalho apresentado no GT de Discurso de Comunicação do IV Congresso da ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de La Comunicación), Recife, setembro de 1998)

ASENSIO, Eugenio. La lengua compañera del Imperio. Historia de una ideia de Nebrija em España y Portugal. *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica*. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia – Universidade Nacional do Rio de Janeiro. 1958.

ASSIS, Machado. O passado, o presente e o futuro da literatura. *Obra Completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, v. III, 1994. Publicado originalmente em *A Marmota*, Rio de Janeiro, 09 e 23 de abril de 1858.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do*

Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Petrópolis, Vozes, 1972.

GARCEZ, Lucília. *Explicando a arte brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GUIMARÃES, Manoel Luís Saldado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, n. 1, 1988. p. 5-27.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.

MARETTI, M. L. L. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: Unesp. 2006.

MORAIS, Brenda Laisa. A construção da identidade brasileira na experiência romântica. *IX Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade*, 2014, Rio de Janeiro. Caderno de Resumos: VI Seminário Nacional de História. Rio de Janeiro: UERJ, PPGH, 2014. v. IX.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise*. Sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2017.



PAULA, Luciano Melo. Avante soldados, para trás: Metaficção historiográfica sobre a Guerra do Paraguai. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, n. 26, jul./dez. 2015. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/index.php/LA/index>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

RESTIER, Renato Jorge Paranhos. *Antítese da civilidade: Poder Naval, pensamento político e guerra no Segundo Reinado (1850-1876)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

RICUPERO, Bernardo. *O Romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo Martins Fontes, 2004.

ROLPH, Manuel Cabeceiras. Retirada da Laguna: operação Anábas. *Revista Brasileira de História Militar*. Rio de Janeiro, ano 3 n. 8, pp. 57 – 63, 2012.

TAUNAY, Alfredo Escragnolle. *A retirada da Laguna*. 16. ed. Affonso de E. Taunay (trad. ed. 5) Rio de Janeiro: Bibliex, 2006.

TAUNAY, Alfredo Escragnolle. *Memórias*. Ed. Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador: D Pedro II,*

um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Império desenha país civilizado e exótico. *Folha online Brasil 500 anos*. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/imagens8.htm>. Acesso em 1 nov. 2018.

¹ A noção de “discurso” é uma noção sobre a qual toda obra de introdução demora-se consideravelmente. Tomaremos aquela mais básica, a que contrapõe a língua como sistema à sua realização em um contexto específico, a língua em uso, o discurso. “Quando se fala em “discurso” ativa-se de maneira difusa uma série de ideias-força”, discurso como: uma organização além da frase; uma forma de ação; uma atividade interativa e contextualizada, assumida por um sujeito, regida por normas, capaz de construir socialmente o sentido, e que sempre ocorre no bojo de um interdiscurso. Cf. MAINGUENEAU, Dominique. Tr. Sírio Possenti. *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 23 – 30;

² PAULA, Luciano Melo. Avante soldados, para trás: Metaficção historiográfica sobre a Guerra do Paraguai. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritaris-*



mo, n. 26, jul./dez. 2015. Disponível em

<https://periodicos.ufsm.br/index.php/LA/index>. Acesso em 18 out. 2018.

³ ROLPH, Manuel Cabeceiras. Retirada da Laguna: operação Anábasis. *Revista Brasileira de História Militar*. Rio de Janeiro, ano 3, n., pp. 57–63, 2012, especialmente p. 61.

⁴ *Ibid.*

⁵ ASENSIO, Eugenio. La lengua compañera del Imperio. Historia de una ideia de Nebrija em España y Portugal. *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica*. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia – Universidade Nacional do Rio de Janeiro, 1958.

⁶ TAUNAY, Alfredo d’Escragno. *Memórias*. Ed. Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2004.

⁷ *Ibid.*, p.86.

⁸ *Ibid.*, p. 87, 88.

⁹ O texto/elogio ao major possui 21 folhas, assinadas por 17 oficiais gerais, 65 oficiais superiores e 184 oficiais do Exército Nacional servindo à época no Rio de Janeiro. Não consta autoria do primoroso texto, datado: “Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1885”. (Prólogo assinado por seu filho Affonso, constante da 16ª edição de *A Retirada da Laguna*, Bibliex, 2006).

¹⁰ *Ibid.*, p 14.

¹¹ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, n. 1, 1988. p. 5–27.

¹² Outras criações nesse mesmo contexto de desenvolvimento de um projeto civilizatório foram a criação, em 1837, do Imperial Colégio Pedro II, e do Arquivo Nacional, no mesmo ano do IGHB, em 1838.

¹³ GUIMARÃES, *op. cit.* p. 7. (grifo nosso)

¹⁴ cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador: D Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 304

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *Apud* GUIMARÃES, *op. cit.* p. 11.

¹⁷ “A produção cafeeira trouxe inovações importantes como, por exemplo, a construção de ferrovias, a instalação de companhias e linhas de navegação, o surgimento de fundições, estaleiros, manufaturas e fábricas. O processo de urbanização é acelerado com o crescimento das cidades, bem como das camadas médias urbanas. Esse dado inovador comprova que o Brasil se modernizava segundo a visão do capitalismo imperialista.” In MUNHOZ, Patrícia. *Hibridismos e conflitos morais em Narrativas Militares (1878)*, do



Visconde de Taunay. Dissertação (Mestrado em Letras - Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social), UNESP, Assis, 2008, p. 15.

¹⁸ ALBUQUERQUE, Fernanda Deminicis de; LOUREIRO, Marcello José Gomes. “Não havia um coração que não fosse presa dos mais desencontrados sentimentos”: A Passagem de Humaitá, projetos de nação e representações da guerra. *Navigator*, v. 14, n. 27. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, 2018. p. 58 – 72.

¹⁹ RICUPERO, Bernardo. O Romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870). São Paulo Martins Fontes, 2004, Apud MORAIS, Brenda Laisa. A construção da identidade brasileira na experiência romântica. *IX Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade*, 2014, Rio de Janeiro. *Caderno de Resumos: VI Seminário Nacional de História*. Rio de Janeiro: UERJ, PPGH, 2014. v. IX.

²⁰ ASSIS, Machado de. O passado, o presente e o futuro da literatura. *Obra Completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, v. III, 1994. Publicado originalmente em *A Marmota*, Rio de Janeiro, 09 e 23 de abril de 1858. (grifo nosso).

²¹ *Ibid.*

²² *Ibid.*

²³ GARCEZ, Lucília. *Explicando a arte brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 80.

²⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Império desenha país civilizado e exótico. *Folha online Brasil 500 anos*. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/imagens8.htm>. Acesso em 1 nov. 2018.

²⁵ ALMEIDA, Jorge. *Lugar de fala, polissemia e paráfrase nos discursos de FHC e Lula sobre o plano Real*. Trabalho apresentado no GT de Discurso de Comunicação do IV Congresso da ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de La Comunicación), Recife, setembro de 1998), p. 2.

²⁶ Comentários constantes em MARETTI, 2006, *O Visconde de Taunay e os fios da memória*, p. 82, acompanhado de nota explicativa para o fato de que essa “contradição”, dada como implícita tinha que ser constantemente negada por críticos e biógrafos do escritor. Acrescenta que essa preocupação se faz presente inclusive em tese de doutorado defendida na USP por Norma Wimmer, em 1992.

²⁷ Taunay, 2004. *op. cit.*. p. 179.

²⁸ Expressão utilizada por MARETTI, *op. cit.*

²⁹ TAUNAY, 2004. *Op.cit.* Na íntegra: “Aliás, para todos os pormenores



desta parte da Guerra do Paraguai, consulte-se o Diário do Exército, que escrevi, dia por dia, e mereceu, como livro, grandes aplausos dos entendidos. Ao lê-lo, exclamou o Duque de Caxias: Nessa guerra faltou-me um-Taunay para contar o que fiz.” (p. 429)